

AS ASPIRAÇÕES DA PEQUENA BURGUESIA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE AS CONTRADIÇÕES PSICOSSOCIAIS E POSSIBILIDADES DE MUDANÇA

Lucian Borges de Oliveira

Raquel Pondian Tizzei

Raquel Souza Lobo Guzzo

(Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCCAMP)

Walter Mariano de Faria Silva Neto

(Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM)

Resumo

O presente trabalho visa traduzir e adaptar o instrumento proposto por Martín-Baró (1981), para a realidade brasileira atual e considerar as respostas dada ao instrumento por um grupo de estudantes de psicologia e a partir disso compreender as aspirações da pequena-burguesia, levando em conta fatores pessoais, demográficos e sociais, e identificar como esses fatores podem influenciar nos níveis de aspiração e caracterizar uma concepção desta classe. A partir disso foi verificado também como esses fatores e a ideologia podem influenciar em uma transformação do sistema social, a favor ou contra. Para a investigação desses fatores foi usado como metodologia o materialismo-histórico e dialético, e as concepções teóricas que se fundamentam em tal método.

Palavras-chave: Aspirações; Pequena Burguesia; Ideologia.

Abstract

The Small Bourgeois Aspirations: an Exploratory Study on Psychosocial Contradictions and Possibilities of Change

This research aims to comprehend and adapt to the Brazilian context an instrument proposed by Martín-Baró (1981). Based on the answers given by a group of Psychology students, this work had the intention to comprehend the aspirations from the petty bourgeoisie, considering personal, demographic, and social aspects, and identifying how this factors can influence on the levels of aspirations and characterize the concept formation from this social class. From all of that, it was also verified how these fundamental factors and ideology are capable of influencing social transformations either for or against. The methodological and theoretical concepts were based on the Dialectical and Historical Materialism, used on the investigation of such fundamental factors.

Key-words: Aspirations; Petty Bourgeoisie; Ideology.

Introdução

A vida no capitalismo

O capitalismo é marcado pela contradição entre classes sociais com interesses contraditórios. Nessa relação

envolve a constante disputa pelo poder. Mas, é evidente que ao longo de seu desenvolvimento histórico uma das classes tem sido atacada e subjugada, sistematicamente, pois, essa disputa não acontece de forma “justa” e igual. A classe dominante é portadora dos modos de produção e de toda a superestrutura que emerge a partir dele. Com isso, o capitalismo é o sistema que privilegia esta classe (a burguesia). Marx e Engels (2008) afirmam que “a condição essencial para a existência e a dominação da classe dominante é a concentração de riqueza nas mãos particulares, a formação e multiplicação do capital; e a condição de existência do capital é o trabalho assalariado” (p. 29). Segundo Marx (s/d) citado por Lessa e Tonet (2004), a única forma de produzir capital é por meio da força de trabalho, que o trabalhador troca por um salário. Mas, esse salário não equivale ao que o trabalhador produz e sim apenas para dar manutenção às condições básicas de vida, para que continue vendendo sua força de trabalho. Como o salário não é realmente equivalente ao valor real que o trabalhador produziu, o capitalista se apropria de todo esse valor restante acumulando o seu capital. Ou seja, o lucro se torna apenas privado na medida em que o capitalista se apropria dele, sendo que ele foi produzido coletivamente.

Sob esse olhar fica nítida a desigualdade social que é inerente ao sistema capitalista, no qual a classe dominante, detentora dos modos de produção, se apropria de toda a riqueza que é produzida coletivamente, enquanto a maioria das pessoas, a classe dominada, se submete à venda de sua força de trabalho, e ainda arcando com todas as mazelas oriundas do capitalismo.

Oldrini (2004) e Tonet (2005), citados por Euzébios Filho e Guzzo (2009), afirmam que, focalizando a análise no sistema capitalista, a desigualdade social, na forma como se apresenta atualmente, corresponde, primeiramente, a uma crise estrutural que envolve, certamente, determinados valores e ideologias, mas que encontra sua matriz nas relações de produção. Deste modo, a centralidade nas relações produtivas como gênese da desigualdade, exploração e subjugação inerente ao modo de produção capitalista nunca deve ser perdida de vista. Mas mesmo assim, é fundamental destacar o papel da ideologia como instrumento central na manutenção dessas relações.

A ideologia como arma da classe dominante

A classe dominante tem como arma fundamental, após a estruturação do

capitalismo: a ideologia. Essa tem como finalidade manter as relações entre classes e as relações de dominação. A força da ideologia reside, justamente, em sua capacidade de conferir um sentido sobre algo, de modo que ele seja eficiente para acirrar ou sustentar as relações de poder. Em outras palavras, a ideologia possui originalmente uma natureza de classe, ao passo que a manifestação ideológica serve, por diferentes vias e intensidades, como instrumento político para dominação social, como afirmam Euzébios Filho e Guzzo, (2009). Dessa forma, podemos dizer que a contribuição para a superação das formas de consciência alienada e a busca por uma consciência crítica e de classe, se põe como uma das tarefas da psicologia e dos psicólogos, principalmente no contexto latino-americano.

Martín-Baró (2017), coloca como objeto da Psicologia Social o compreender o que há de ideológico na ação humana (no sentir, pensar e agir), dessa forma é preponderante compreender a origem e desenvolvimento dos processos ideológicos, e como eles contribuem para a não compreensão total das relações que os sujeitos estão submetidos. Neste sentido Montero (2015), confere suma importância à compreensão ideologia para entender como as relações sociais se tornam

individuais e que é tarefa da Psicologia compreender como a ideologia medeia as pessoas em seus entendimentos do mundo, distorcendo e escondendo as causas reais dos fenômenos e condições sociais em função de relações de poder e interesses específicos.

Ainda sobre isso, Lane (1989) aponta o destaque da ideologia como fundamental nos estudos psicossociais pelo fato de determinar e ser determinada pelos indivíduos e a rede de relações sociais que os envolvem. Aprender o que há de ideológico em um indivíduo ou grupo é problema fundamental para a pesquisa em Psicologia Social, quando ela se propõe a conhecer o indivíduo como ser concreto, inserido numa totalidade histórica (Lane, 1984). Para Lane, a ideologia é a manifestação de concepções e ideias que naturalizam a realidade e a história para a manutenção de relações sociais de dominação de classe.

O papel do psicólogo

Primeiramente, devemos saber que, para que se faça uma psicologia com a “verdadeira” responsabilidade social, o psicólogo deve se posicionar politicamente e se comprometer com auxílio na mudança do *status quo*. A suposta não postura política é uma opção política, explicitam

Guzzo e Lacerda Jr (2007). A neutralidade em tal contexto é uma postura que legitima e mantém o *status quo*. Neutralidade é omissão. Dentro deste ponto de vista, o psicólogo deve se comprometer eticamente com a Libertação. Para que alcancemos a Libertação é indispensável a conscientização. A conscientização não é como o senso comum imagina: que se traduz na mudança de algumas atitudes. A conscientização não consiste, portanto, em uma simples mudança de opinião sobre a realidade, em uma mudança da subjetividade individual que deixe intacta a situação objetiva; a conscientização supõe uma mudança das pessoas no processo de mudar sua relação com o meio ambiente e, sobretudo, com os demais (Martín-Baró, 1996).

Portanto, a conscientização se põe como o que fazer dos psicólogos que estejam comprometidos com a Psicologia da Libertação, isto é, ele deve possibilitar que as pessoas superem sua identidade alienada, pessoal e social, ao transformar as condições opressivas do seu contexto (Martín-Baró 1996). O horizonte primordial da psicologia deve ser a conscientização, se está propondo que o que fazer do psicólogo busque a desideologização das pessoas e grupos, que as ajude a chegar a um saber crítico sobre si próprios e sobre sua realidade (Martín-

Baró 1996). Desta forma, é preciso que sejam conhecidas as formas de pensar, de valorar e de agir das pessoas para que se possa compreender sua posição no sistema social, as contradições psicossociais colocadas e as possibilidades de mudança pela ação da psicologia. Esta proposta tem como objetivo o estudo de um instrumento, originalmente concebido por Martín-Baró, (1981) para avaliação das aspirações e valores de diferentes grupos de pessoas, como uma forma de avaliar sua consciência de classe.

A partir desses fundamentos, foi desenvolvido um estudo exploratório que teve como objetivo traduzir e adaptar o instrumento (em anexo) proposto por Martín-Baró (1981), para a realidade brasileira atual e considerar a resposta dada ao instrumento por um grupo de estudantes de psicologia em relação aos seguintes aspectos: a) fatores demográficos, pessoais, sociais, nível de aspiração e percepção social demonstram a visão de mundo da pequena burguesia, b) avaliar como estes fatores caracterizam uma concepção de determinada classe social, ou seja, naturalizam e psicologizam as diferenças sociais.

Método

Participantes

Participaram deste estudo onze estudantes do último ano de um curso de psicologia de instituição privada, que se dispuseram a colaborar com o estudo e nos fornecer pistas para o aprimoramento do instrumento e caracterização da pequena burguesia. A escolha destes estudantes, se deu pelo pressuposto de que, por se tratar de uma instituição de ensino privado e tradicional, cujo valor da mensalidade é de mais de 2 mil reais, os mesmos estariam dentro deste grupo (mas aqui temos outro problema de generalizar para “A” pequena burguesia: não escolhemos um grupo de trabalhadores e o grupo é só de mulheres e ainda de uma área apenas – vamos pensar.... A partir disso verifica-se que abarcamos uma população de um nível econômico que situa-se entre o médio e o médio alto. Isto fica evidente quando tomamos como referência os dados do “Critério Brasil” (ABEP, 2010).

Chegado a esse ponto convém fazer uma pequena distinção entre “burguesia”, “pequena burguesia” e o “homem tipo burguês”. De acordo com Marx e Engels, (2008) entende-se por burguesia a classe dominante no capitalismo, que detêm os meios de produção social e exploram o trabalho assalariado. Já o “pequeno-burguês” não detêm modos de produção, ele é ao mesmo tempo burguesia e povo, é a contradição social em ação, de acordo

com Konder (2000). “O pequeno-burguês seria por excelência, aquele que vive em função da aspiração, da vontade de ser o outro - o burguês” (Konder (2000. p. 84). Portanto ele estabelece seu projeto de vida de acordo com o projeto de vida da burguesia e são movidos por aspirações nem sempre realizáveis dentro de sua condição social.

O “homem tipo burguês”, de acordo com s Konder (2000), surge em uma sociedade, que tem hegemonicamente o exercício da burguesia como classe dominante. Em última análise o homem que está inserido na sociedade burguesa, é o “homem tipo burguês”. Sendo assim nós todos pertencemos, a esse tipo humano (Konder, 2000). Contudo não devemos achar que está condição é estática e sem superação.

A superação do homem burguês depende da superação prática da sociedade burguesa: somente uma sociedade socialista, não burguesa, poderia consolidar um novo tipo de ser humano, o homem não burguês (Konder, 2000, p. 32).

Portanto, levando em conta os esclarecimentos teóricos, consideramos os participantes desse estudo, pertencentes aos dois últimos grupos apresentados anteriormente. Partindo de pressupostos

marxistas, este trabalho adquire um olhar mais coerente que possibilita um entendimento mais crítico que envolve as contradições presentes na sociedade.

Resultados e Discussão

Foi feita uma tabulação a partir de dados extraídos do instrumento, separando em questões objetivas, descritivas e escalares. As cinco categorias propostas foram retomadas: características demográficas, pessoais, sociais, nível de aspiração e percepção social (Martín-Baró, 1981).

Quadro 1- Características pessoais

	Nada	Pouco	Bastante	Muito
Religiosidade	9,09%	9,09%	63,63%	18,18%
Individualidade	0%	9,09%	63,63%	27,27%
Informação	0%	0%	45,45%	54,54%
Política	0%	36,36%	54,54%	9,09%
Ambição	0%	18,18%	54,54%	27,27%

O Quadro 1 aponta, a contradição presente na consciência das participantes, pelos altos índices ligados a religiosidade e individualidade. Enquanto os preceitos cristãos são voltados mais para a coletividade, as participantes demonstram um alto índice de individualidade. Ou seja, esta última cumpre os objetivos que a

No que diz respeito às características demográficas (referente às perguntas 1, 2 e 3 do instrumento), todas as participantes são do sexo feminino, sendo que a idade variou entre 21 e 23 anos. Quanto ao estado civil, apenas uma (9%) é casada e as demais são solteiras.

Quanto às características pessoais (referente à pergunta quatro do instrumento), o Quadro 1 especifica a porcentagem das respostas apresentadas, abrangendo as dimensões propostas por (Martín-Baró 1981).

ideologia dominante define como essencial: “vencer na vida” (Konder, 2000). O alto nível de ambição reforça essa contradição. A recomendação cristã é que ame o próximo como a si mesmo, mas não podem abandonar a chamada “lei de Gerson”, que manda levar vantagem em tudo (Konder, 2000). “Querem ser bons,

no entanto precisam aprender a ser maus. Querem ser solidários, mas não conseguem deixar de ser egoístas [...]. O homem tipo burguês é um ser eticamente irresolvido” (Konder, 2000, p. 29).

Sabemos que as relações dos participantes com as igrejas, pode estabelecer maior significação no alto nível de individualidade, as igrejas carregam consigo, um conservadorismo sobre as ideias religiosas (Konder, 2000). Católicos e protestantes (como a maioria dos participantes) podem expressar, assim como as instituições das quais fazem parte, acumpliciados com o capitalismo, pois neste modo de produção há uma íntima relação entre as Instituições religiosas e o Estado na manutenção do *status quo*.. Esse último tem como fundamentação filosófica o liberalismo, que propõe o individualismo, a competição e o mérito particular.

Portanto, a moral religiosa pode atuar como uma ferramenta na manutenção da desigualdade presente em nossa sociedade, por servir como forte instrumento ideológico da classe dominante como afirma Trotsky (2009):

A moral é uma das funções ideológicas na luta de classes. A classe dominante impõe seus fins à sociedade e se habitua a considerar

todos os meios que contradizem os seus fins como imorais. Essa é a função principal da moralidade. Ela procura a ideia da maior felicidade possível, não para a maioria, mas para uma minoria cada vez mais restrita (p. 65).

Sendo assim, as implicações da moral religiosa e conservadora, muitas vezes, contribuem para a perpetuação do sistema econômico atual, servindo como reparação para a desigualdade, injustiça e exploração, promovendo uma naturalização desses processos nos setores aqui apontados à pequena burguesia. Os moralistas pequeno-burgueses contribuem para a continuação da escravidão e submissão (Trotsky, 2009).

A partir disso vemos como a moral religiosa atua como ideologia, reproduzindo o individualismo e a ambição, ou seja, os preceitos liberais, onde se fundamentam as ideias da classe dominante. Já que “As ideias da classe dominante são em cada época as ideias dominantes.” (Marx e Engels, 2010, p. 75).

A força da ideologia reside, justamente, em sua capacidade de conferir um sentido sobre algo, de modo que ele seja eficiente para acirrar ou sustentar as relações de poder (Euzébios Filho e Guzzo, 2009). Em outras palavras, a

ideologia possui originalmente uma natureza de classe, ao passo que a manifestação ideológica serve, por diferentes vias e intensidades, como instrumento político para dominação social (Euzébios Filho e Guzzo, 2009).

O que pode ser observado a partir da grande importância dada à religiosidade pelos sujeitos entrevistados: 63 + 18% consideram a religiosidade como bastante ou muito importante para eles em suas vidas. Ainda analisando o Quadro 1, o quesito política, vemos que as categorias “muito” e “pouco” se aproximam em porcentagem. Percebendo que de certa forma a maior parte se preocupa com a esfera política, mas uma parte significativa ainda não se importa. O homem tipo burguês oscila entre a recusa da política e a percepção da política como campo de ações redentoras que poderão nos salvar de todas as desgraças (Konder, 2000).

Outro aspecto que também pode contribuir para a ideologização das participantes, foi observado também no Quadro 1, é a dimensão informação, na qual 45,45% dos participantes assinalaram a opção “bastante” e 54,54% a opção “muito”. Sendo assim “não só pra ter sucesso no que faz, mas até mesmo para sobreviver, o homem burguês tipo burguês precisa de informações” (Konder, 2000). Sabemos que a cada dia que passa as

pessoas se defrontam com um turbilhão informações, devido ao advento da tecnologia. Percebemos isso quando vemos o Quadro 3, que indica a dificuldade de se renunciar a aparelhos eletrônicos. As informações, portanto, se acumulam, se multiplicam, se proliferam, porém não nos proporciona nenhuma segurança. Ao contrário nos deixa inseguros, sem saber de fato se elas têm credibilidade. Sendo assim às pessoas tornam-se alvo fácil para informações impregnadas pela ideologia dominante. O que não é difícil de acontecer, sendo que o maior propagador de informações na sociedade burguesa é o aparelho ideológico de estado da informação (Imprensa, rádio, televisão, por exemplo), estes mesmo não sendo estatais estão na mão da burguesia tal qual o estado. Todos os aparelhos ideológicos do Estado, sejam eles quais forem, tem um único objetivo: a reprodução das relações de produção, isto é, das relações de exploração capitalistas (Althusser, 2010).

Portanto, vemos que os altos níveis de informação apontados pelas participantes podem contribuir para uma reprodução da visão burguesa dos fatos, tais como desigualdade, injustiça, exploração e opressão, isto é, podem colaborar com a manutenção do status quo.

Os resultados aqui apresentados, mostram não só a impregnação ideológica,

AS ASPIRAÇÕES DA PEQUENA BURGUESIA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE AS CONTRADIÇÕES PSICOSSOCIAIS E POSSIBILIDADES DE MUDANÇA

mas também como as participantes estabelecem suas aspirações de acordo com a classe dominante.

A seguir serão apresentadas às características ligadas diretamente às aspirações. Os Quadros 2 e 3 referem-se às questões 16 e 17 que têm formato escala.

Quadro 2 – O quanto seu grupo social valoriza os seguintes objetos

	Nada	Pouco	Bastante	Muito
Aparelhos eletrônicos/ informática (Ipod, Ipad, Notebook e etc...)	0%	0%	36,36%	63,63%
Carro	0%	0%	36,36%	63,63%
Vestuários de Marca	18,18%	9,09%	54,54%	18,18%

Quadro 3 – O quanto é difícil renunciar aos itens posteriores:

	Nada	Pouco	Bastante	Muito
Aparelhos eletrônicos/ informática(Ipod, Ipad, Notebook e etc...)	0%	27,27%	36,36%	36,36%
Carro	0%	9,09%	18,18%	72,72%
Vestuários de Marca	27,27%	45,45%	18,18%	9,09%

Observando os Quadros 2 e 3 percebemos que as participantes estabelecem seus níveis de aspirações de acordo com seu grupo de referência, no caso a burguesia porque a pequena burguesia é caracterizada por aspirar ser o burguês (Konder, 2009). Ao estabelecer e apresentar um ideal de vida, a burguesia promove aspirações nos setores pequeno-burgueses (Matín-Baró, 1981). Isto fica claro quando comparamos nos quadros 2 e 3, o quanto o grupo social das participantes

valoriza tais objetos e o quanto é difícil para elas renunciarem a tais objetos. As aspirações são estabelecidas conforme o grupo de referência (Matín-Baró, 1981).

Percebemos também, que uma alta porcentagem das participantes acha muito difícil renunciar ao carro. Observou-se isso como uma aspiração pautada nos moldes burgueses, mas seria ingênuo de nossa parte, levantar isso sem levar em consideração a má qualidade dos transportes públicos. Sabemos que muitos carros no trânsito é um prejuízo ambiental, porém esperar um esforço coletivo dos

setores pequeno-burgueses seria mais ingênuo ainda (Konder, 2000).

A última categoria proposta pelo instrumento é referente à percepção social, essa informação ficou por conta da questão vinte do instrumento, que propunha que se colocasse o salário mínimo e máximo, para

uma família de cinco pessoas, com ocupações centrais diferentes: “trabalhador rural”, “operário”, “pedreiro”, “professor” e “executivo de alto escalão”. A partir disso foi colocado no quadro, o menor e o maior valor para o mínimo e o mesmo foi feito com o máximo.

Quadro 4- Qual você acha que deve ser o salário mínimo para uma família de cinco pessoas

Ocupações	Salário Mínimo		Salário Máximo	
	Menor Valor	Maior Valor	Menor Valor	Maior Valor
Trabalhador rural	530,00	5.000,00	800,00	7.000,00
Operário	530,00	5.000,00	800,00	7.000,00
Pedreiro	530,00	5.000,00	800,00	7.000,00
Professor	530,00	5.000,00	800,00	7.000,00
Executivo de alto escalão	1000,00	15.000,00	1000,00	40.000,00

A partir do Quadro 4, vemos que a desigualdade social é naturalizada. Os setores pequeno-burgueses tendem a aceitar uma maior desigualdade social (Martín-Baró, 1981). O mesmo autor ainda sobre o assunto diz:

[...] altas aspiraciones y aceptación de la discriminación social forman un entramado ideológico según el cual el ideal introyectado Del estilo de vida burguês debe lograrse subiendo por La escala social, ló que se realiza

principalmente mediante el Ascenso em El orden económico. (p.785).

Observou-se também, que a participante com menor renda familiar, apontou que todas as famílias apontadas no Quadro 4 deveriam ganhar igualmente, e a participante que detinha a maior renda familiar, apontou a maior diferença entre as rendas familiares no Quadro 4. Isso indica que, quanto maior o nível de aspirações, e melhores as condições matéricas, tende-se a aceitar maiores níveis

de desigualdade social (Martín-Baró, 1981).

Se levarmos em conta como afirma Sloan (1994), que a personalidade compreende estilos de ação, de afeto e de pensamento que jogam um papel ideológico na vida social, percebemos que o papel ideológico jogado pelas participantes, é o papel da ideologia burguesa. O mesmo autor ainda afirma: “Estas formas ideológicas de la personalidad se mantienen, no tanto por los sistemas de ideas, por las filosofías, las religiones y por las prácticas de la vida cotidiana em las diversas intuiciones sociales (familia, trabajo, escuela).” (p.186).

Considerações Finais

Esse trabalho possibilitou refletir que, devido à hegemonia exercida pela burguesia na sociedade atual, os setores pequeno-burgueses estabelecem suas aspirações de acordo com as aspirações da classe dominante. Isto porque a pequena burguesia toma a burguesia como grupo referencial e estabelece seu projeto de vida de acordo com tal. Isto é influenciado por fatores demográficos, pessoais, sociais e ideológicos. Observou-se também a impregnação ideológica dos setores

pequeno-burgueses aqui abarcados e, sendo assim, as aspirações da pequena burguesia caracterizam uma concepção de mundo burguês, expresso através de duas grandes formas: através da propaganda dos meios de comunicação de massa e das instituições sociais. Deste modo, a concepção de mundo da pequena burguesia, neste caso do presente trabalho, possui significativas características ideológicas

Esta ideologia da pequena burguesia tem ajudado, sem dúvida, a manter um sistema social pautado na exploração, injustiça, desigualdade e opressão, e impedido qualquer tipo de transformação social. Porém que tem sido beneficiada majoritariamente com o atual sistema é a burguesia, e não a pequena burguesia.

Portanto, uma transformação do sistema vigente para um sistema mais justo encontraria forte resistência dos setores pequeno-burgueses. Mas a transformação não requer só uma mudança nas formas ideológicas, mas principalmente nas condições materiais e nos modos de produção. Por fim, é importante abarcar que as aspirações são de extrema importância na vida das pessoas, até mesmo em contraposição ao fatalismo. Mas a alienação de classe e aspirações

LUCIAN BORGES DE OLIVEIRA, RAQUEL PONDIAN TIZZEI, RAQUEL SOUZA LOBO GUZZO,
WALTER MARIANO DE FARIA SILVA NETO

alienadas, podem exatamente ter um efeito
inverso, ou seja, promover o fatalismo.

Referências

- Associação Brasileira de empresas de Pesquisa.
<http://www.abep.org/novo/Content.aspx?SectionID=84>
- Althusser, L. (2010). *Aparelhos Ideológicos de Estado*. São Paulo, SP: Editora Graal.
- Duarte, N. (2004). Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. *Cad. Cedes*, 24(62), 44-63. DOI [10.1590/S0101-32622004000100004](https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100004)
- Euzébios Filho, A. & Guzzo, R. S. L. (2009). Desigualdade social e pobreza: contexto de vida e de sobrevivência. *Psicologia e Sociedade*, 21(1), 35-44. DOI [10.1590/S0102-71822009000100005](https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000100005).
- Guzzo, R. S. L. & Lacerda Jr, F. (2007). Fortalecimento em tempo de sofrimento: reflexões sobre o trabalho do psicólogo e a realidade brasileira. *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology*, 41(2), 231-240.
- Konder, L. (2000). *Os Sofrimentos do Homem Burguês*. São Paulo, SP: Editora Senac.
- Lane, S. T. M. (1984) Consciência/alienação: a ideologia no nível individual. In: Lane, S. T. M. & Codo, W. (Orgs) *Psicologia Social: o homem em movimento*. Editora Brasiliense – São Paulo – SP.
- Lane, S. T. M. (1989) Ideology and Consciouness. In: *Theory and Psychology Copyright*, Vol. 9 (3) pp. 367-378.
- Lessa, S. & Tonet, I. (2004). *Introdução à filosofia de Marx*. São Paulo, SP: Expressão Popular.
- Martín-Baró, I. (1981). Aspiraciones del pequeno burguês salvadoreño. *Revista Estudios Centroamericanos*, 35(377), 773 - 788.
- Martín-Baró, I (1996). O papel do Psicólogo. *Estudos de Psicologia*, 2(1),7-27.29. DOI [10.1590/S1413-294X1997000100002](https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002).
- Martín-Baró, I. (2017) A Desideologização como contribuição da Psicologia Social para o Desenvolvimento da Democracia na América Latina. In: F. Lacerda Jr (Org). *Crítica e Libertação na Psicologia*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Marx, K. & Engels, F. (2008). *Manifesto Comunista*. São Paulo, SP: Expressão Popular
- Marx, K. & Engels, F. (2010) *Ideologia Alemã*. São Paulo, SP: Expressão Popular
- Marx, K. (2012). *Manuscritos Econômicos e filosóficos*. São Paulo, SP: Martin Claret
- Montero, M. (2015) De la otredad a la praxis liberadora: la construcción de métodos

LUCIAN BORGES DE OLIVEIRA, RAQUEL PONDIAN TIZZEI, RAQUEL SOUZA LOBO GUZZO,
WALTER MARIANO DE FARIA SILVA NETO

para la conciencia. In: *Estud. psicol.* (Campinas) vol.32 no.1 Campinas. DOI
[10.1590/0103-166X2015000100013](https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000100013).

Sloan, T. (1994). La personalidad como construcción ideológica. In: M. Montero, (Org).
Construcción y crítica de la psicología social. Barcelona: Editorial Anthropos. 177-
189.

Trotsky, L. (2009). *Questões do Modo de Vida A Moral Deles e a Nossa*. São Paulo, AP:
Sundermann

Os autores:

Lucian Borges de Oliveira, Doutorando em Psicologia pela PUC-Campinas, e-mail:
lucianborges@yahoo.com.br

Raquel Pondian Tizzei, Doutora em Psicologia pela PUC-Campinas e docente da Fundação Hermínio
Ometto (UNIARARAS), e-mail: tizzuca@hotmail.com.

Raquel Souza Lobo Guzzo, Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
PUCCAMP, e-mail: rslguzzo@gmail.com

Walter Mariano de Faria Silva Neto, Doutor em Psicologia pela PUC-Campinas e Professor da UFTM
– Universidade Federal do Triângulo Mineiro, e-mail: walterfarianeto@gmail.com

Recebido em: 19/04/2018

Aprovado em: 25/06/2018